

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FRONTEIRA POR MEIO DE IMAGENS FOTOGRAFICAS

SOME REFLECTIONS ON THE FRONTIER BY MEANS OF PHOTOGRAPHIC IMAGES

Ana Gláucia SECCATTO¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre as potencialidades das imagens fotográficas, destacando as possibilidades interpretativas e de produção do conhecimento propiciadas por elas a partir de fotografias sobre a fronteira. Tendo em vista que Mato Grosso do Sul tem significativa área em região de fronteira, muitas das imagens que circulam pelo estado são referentes a essas suas áreas fronteiriças, pretendemos então, que a utilização da linguagem imagética amplie nossos conhecimentos e potencialize nosso diálogo e discussão sobre questões fronteiriças e que nos forneça outras possibilidades de pensamento sobre essas áreas, pensando a fronteira não só como limite que separa, mas como lugar que integra diferentes povos, línguas, valores, crenças e costumes. Para tal discussão, iremos utilizar duas fotografias que fizeram parte da Exposição Fronteiras do Festival América do Sul realizado em Corumbá-MS no ano de 2004.

Palavras-chave: Fronteira Brasil-Paraguai, imagens fotográficas, ensino de Geografia.

Abstract: This article aims to present a theoretical reflection on the potential of photographic images, highlighting the possible interpretations and production of knowledge afforded by them from photographs on the border. Considering that Mato Grosso do Sul has significant area in the border region, many of the images that circulate in the state are related to these their border areas, we intend then, that the use of imagery language expand our expertise and leverage our dialogue and discussion border issues and to give us other ways of thinking about these areas, thinking the border not only as a limit that separates, but as a place that integrates different peoples, languages, values, beliefs and customs. For this discussion, we will use two photographs that were part of the Frontiers Exhibition of the South America Festival held in Corumbá-MS in 2004.

Key words: Brazil-Paraguay border, photographic images, Geography teaching.

Introdução

Nos últimos tempos as linguagens imagéticas vêm ganhando seu espaço e estão se fazendo cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas, seja em jornais, revistas, televisão, cinema, livros didáticos, outdoors e em vários outros veículos midiáticos que fazem com que essas imagens se propaguem rapidamente e com grande difusão pela sociedade. Acompanhando esse cenário, nos meios acadêmicos as linguagens imagéticas também estão ganhando grande destaque, se desdobrando em várias pesquisas e trabalhos que visam demonstrar a grande importância que as mesmas têm para a potencialização da compreensão do mundo real.

As imagens fotográficas aliadas ao ensino também fornecem potencialidades no processo de ensino aprendizagem dos alunos. E se tratando especificamente do ensino de Geografia elas possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, tornando-se de fundamental importância no processo de comunicação e produção

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD. E-mail: anag_seccatto@hotmail.com

do conhecimento dessa ciência. A fotografia quando utilizada como linguagem no ensino de Geografia possibilita o enriquecimento das aulas por meio do desenvolvimento de habilidades e raciocínios de suma importância na alfabetização geográfica como: observar, analisar, descrever, representar e comparar conceitos e fatos de forma fundamentada e crítica da realidade em estudo.

As imagens se fazem cada vez mais presentes na vida da sociedade, e especificamente na mídia eletrônica as informações e as imagens são veiculadas com grande velocidade exigindo que os indivíduos saibam decodificar e interpretá-las, retirando delas suas mensagens e informações. O desenvolvimento e aprimoramento das diversas tecnologias de produção e edição de imagens possibilitaram a maior circulação de imagens fotográficas pelos mais variados veículos midiáticos. Diante deste cenário, temos que estar atentos para não sermos reprodutores de ideologias, pois com a grande velocidade de veiculação de informações frequentemente utilizam-se das imagens fotográficas para manipular a opinião pública, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos.

Levando em consideração que Mato Grosso do Sul tem significativa área em região de fronteira, muitas das imagens que circulam pelo estado são referentes a essas suas áreas fronteiriças. Pensando neste contexto, e devido ao fato de termos desenvolvido estudos sobre essas temáticas no desenvolvimento do trabalho dissertação², pretendemos realizar neste artigo, uma reflexão teórica sobre as potencialidades das imagens fotográficas a partir de fotografias sobre a fronteira Brasil-Paraguai que são veiculadas pelas mídias digitais, destacando as possibilidades interpretativas e de produção do conhecimento propiciadas pelas fotografias.

Buscaremos nesse trabalho que a utilização da linguagem imagética amplie nossos conhecimentos e potencialize nosso diálogo e discussão sobre questões fronteiriças, nos propiciando outras possibilidades de pensamento. Para tal discussão, iremos utilizar duas fotografias que fizeram parte da Exposição Fronteiras do Festival América do Sul realizado em Corumbá no ano de 2004.

Reflexões sobre a linguagem fotográfica na atualidade

A sociedade contemporânea esta vivenciando uma intensa era visual na qual cada vez mais percebemos o mundo por meio das imagens. A globalização provocou um grande aumento no número e na difusão dessas imagens, possibilitados principalmente pelo surgimento e aprimoramento de instrumentos de produção das imagens, como câmeras fotográficas, softwares e programas de edição e também dos meios por onde elas se propagam, como a internet, meios impressos e entre outros.

As imagens fazem parte da nossa vida, estando sempre ao alcance dos nossos olhos, somos então, consumidores de imagens e necessitamos aprender a interpretar suas mensagens. Nesse sentido, as imagens precisam ser consideradas também a partir da sua função geradora de conhecimento sendo capaz de modificar nossa maneira de pensar e ver o mundo.

Frente a esta discussão, muitos estudiosos e pesquisadores estão se dedicando aos estudos das linguagens imagéticas buscando explorar suas potencialidades e as contribuições

² Trabalho intitulado de "Olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai a partir de fotografias presentes nas mídias eletrônicas", que teve como objetivo analisar e refletir sobre os limites e as possibilidades de concepções e olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai são construídas a partir das imagens fotográficas veiculadas pelas mídias eletrônicas. Pesquisa financiada pela CAPES (Bolsa Demanda Social – Mestrado) no período de Agosto/2013 a Abril/2015.

que elas fornecem para pensar e compreender o mundo. Nesse contexto, uma corrente de estudiosos atribui esta marcante presença da linguagem imagética na sociedade contemporânea como sendo uma “cultura visual”; o que de acordo com Aguirre (2011) e também para Mierzoeff (2003), foi W. J. T. Mitchell que definiu a cultura visual como sendo “o estudo que abarca tanto as representações visuais que as constituem como a forma na qual são vistas” (AGUIRRE, 2011, p.74). A cultura visual é então, um conjunto de processos e práticas cotidianas de olhar, de observar e retirar significações das imagens, porque este exercício visual não acontece de modo isolado, e sim, através de um conjunto entrelaçado de práticas, experiências e percepções a partir do olhar e do observar as imagens (SECCATTO & NUNES, 2015).

O autor Mierzoeff (2003) complementa este pensamento relatando que a cultura visual se fundamenta no ato de ver e compreender o que é visto, sendo este processo feito por meio de experiências que os sujeitos carregam consigo, das experiências da vida cotidiana de cada observador. E o autor salienta que a importante habilidade de absorver e interpretar a informação presente nas imagens, ainda está ganhando maior importância nos debates dentro da sociedade e que essa habilidade não é uma qualidade própria do ser humano, mas é uma habilidade que deve ser aprendida (SECCATTO & NUNES, 2015).

Nesse sentido, partindo do entendimento de que todos nós quando nascemos com a visão perfeita somos capazes de enxergar tudo o que está à nossa volta, percebemos que mesmo assim, necessitamos aprender a ver, aprender a olhar, pois essa não é uma habilidade que herdamos, mas, sim, que desenvolvemos. Precisamos aprender a decifrar e interpretar a linguagem imagética e desenvolver o senso crítico nestas análises, e a escola e as diversas disciplinas podem contribuir nessa tarefa utilizando as linguagens imagéticas dentro dos ambientes de ensino, nas salas de aula, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da alfabetização visual de seus alunos. É necessário reflexão sobre a linguagem imagética para sua compreensão e interpretação de suas mensagens e informações; precisamos aprender a ver e desenvolver habilidades potenciais no ato de ver e entender as linguagens visuais.

Quando observamos uma linguagem fotográfica cria-se em nossa mente uma série de pensamentos que podem ser diferentes a cada vez que voltarmos a observar a mesma imagem. É no exercício de observação das imagens que muitas ideias surgem em nossos pensamentos, a fim de compreender o seu significado. Este processo ocorre com o exercício de resgate em nossas memórias, do repertório visual e cultural que cada visualizador tem para a interpretação da imagem, buscando a fundo lembranças e vivências que ajude a interpretar o que está expresso na imagem. São as vivências de cada indivíduo que permite as diferentes interpretações de uma mesma imagem, além de depender também, do contexto sócio cultural da sociedade que cada visualizador pertence. O ato de observar e produzir pensamentos novos se chama análise de imagens; e o exercício de observação e análise deve ser constante para que desenvolvam nos indivíduos as capacidades e habilidades críticas de compreensão das imagens, não as considerando apenas como meras ilustrações.

As temáticas que envolvem as potencialidades da linguagem imagética, em especial a fotográfica, estão ganhando cada vez mais notoriedade na sociedade como uma linguagem repleta de conteúdos significativos para a compreensão do mundo. A ampliação e difusão dos meios de comunicação permitiram que as notícias e as imagens que as acompanham sejam amplamente divulgadas e em grandes velocidades, caracterizando assim, a sociedade contemporânea como a sociedade da informação. Esses contextos vêm ocorrendo no mundo em geral, e a imagem como recurso comunicativo vem ocupando um espaço privilegiado de formação e informação na sociedade atual. Acompanhando essas transformações, as imagens

fotográficas aparecem como subproduto das comunicações e circulam através de jornais, revistas e por diversos outros meios tornando-se popularizadas nas diversas camadas sociais.

Na atualidade a difusão da fotografia é praticamente instantânea, ela faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, estando sempre ao alcance dos olhos e das mãos através da publicação simultânea nos diversos meios de comunicação (SECCATTO & NUNES, 2015). Neste contexto, é válido destacarmos as potencialidades existentes na imagem fotográfica, partindo do entendimento de que elas carregam consigo conteúdos que são adquiridos através do desenvolvimento de habilidades de observação, e diante do fato de que estamos vivendo uma intensa era visual, torna-se visível a latente necessidade da leitura visual para a compreensão do mundo atual. Utilizar-se da linguagem imagética para o processo de conhecimento do mundo, é articular e estabelecer relações entre o que se vê com o que se vive, e assim produzir sentido no que se observa e analisa.

Nas escolas as imagens chegam através dos livros didáticos que se apresentam cada vez mais imagéticos. Eles aparecem acompanhando os textos verbais ou substituindo-os. Na era da globalização aonde tudo chega muito rápido para o aluno por meio das mídias, o trabalho do professor pode ser enriquecido se ele utilizar outras linguagens que levem ao aluno construir seus conhecimentos de forma significativa. Salientamos neste contexto, as potencialidades que linguagens imagéticas fornecem ao ensino de Geografia, pois olhar a imagem nos ativa outros pensamentos que vão modificando a cada olhar, aprofundando os entendimentos sobre a imagem. Essa reflexão é feita através do exercício de buscar na memória situações vividas ou vivenciadas que ajude na interpretação da imagem promovendo potencialidades nas aprendizagens significativas.

A geografia é uma disciplina visual, então os geógrafos deveriam ser fortemente interessados na natureza do que vê e nas conseqüentes implicações dos resultados para o seu exercício de descrever e compreender as relações homem-natureza (POCOCK, 1981). Nesse sentido, na Geografia escolar a leitura de imagens é uma das habilidades que potencializa o processo de ensino aprendizagem os alunos, tendo em vista que “a geografia possui um conjunto de ideias e conceitos que podem ser apreendidos, dentre outras formas, através da imagem, onde as informações estão potencializadas exigindo do leitor saber olhar e encontrar os temas/conteúdos que contem” (DANTAS & MORAIS 2007, p.7).

Nesta perspectiva, Costa e Benites relatam que:

(...) tanto como técnica ou como arte, a fotografia, desde sua origem tem sido um instrumento utilizado por diversas áreas do conhecimento, revelando-se assim seu caráter interdisciplinar. Isso permite que a Geografia explore essa forma de linguagem como possibilidade de compreensão do espaço. De maneira que, sempre se mantenha como prioridade a observação dos fenômenos, de tal modo que a localização desses estejam relacionados diretamente com o processo de significação dada pelos sujeitos inseridos no seu ambiente de vivência. (2009, p.2)

No fragmento destacado acima, os autores colaboram para o entendimento de que as imagens fotográficas nos possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, atribuindo a esse processo significações que nos levam a um exercício de reflexão e entendimento sobre o mundo a nossa volta. A linguagem fotográfica quando utilizada dentro das salas de aulas, possibilita a potencialização das temáticas estudadas e do processo de ensino/aprendizagem dos alunos por meio do desenvolvimento de aprendizagens significativas, ou em outras palavras, a realização do estudo levando em consideração as

vivências e experiências próprias dos alunos relacionando-as com o tema em estudo e com o contexto e informações presentes na imagem.

As imagens nas aprendizagens geográficas abrem possibilidades de como pensar e analisar tudo que nos rodeia, elas proporcionam aos alunos o desenvolvimento de capacidades de compreender e articular os conceitos do espaço geográfico em suas múltiplas escalas, estimulando o desenvolvimento de habilidades e competências no processo de ensino/aprendizagem e o espírito crítico de visão de mundo. Elas indicam maneiras pelas quais os alunos podem olhar a paisagem desbravando o mundo além da sala de aula, transformando a linguagem imagética numa aliada da educação.

Análises das imagens fotográficas encontradas nas mídias digitais

O surgimento de vários artefatos de captura de imagens e a ampliação das instituições de meios de comunicação em massa intensificou o grande número de imagens fotográficas que são veiculadas pelas mídias. Levando em consideração o fato da sensação de realidade que é transmitida pelas imagens fotográficas devido à credibilidade que elas possuem junto à sociedade, fica fácil entendermos os porquês de sermos constantemente bombardeados por explosões de imagens, sejam em mensagens publicitárias, outdoors, revistas, jornais impressos, digitais e entre outros, tudo com o intuito de se passar a ideia de veracidade dos fatos.

No entanto, é necessário ter em mente ao observar uma imagem fotográfica que ela não pode ser entendida como fiel representação de algum fato ocorrido, devendo ser levado em consideração nestas análises os contextos históricos em que elas foram eternizadas; quem é o fotógrafo que a eternizou; e buscar entender quais foram os possíveis motivos e intenções que fizeram parte do processo de criação da foto, pois quase sempre, a criação da foto e remediada por interesses e intencionalidades por parte de seu criador (Kossoy, 2002). Outro fator importante a ser levado em consideração na análise das fotografias é a manipulação da imagem fotográfica, pois, com as grandes transformações e difusões tecnológicas que ocorrem no mundo em que estamos inseridos, são muitos os artefatos de edições de imagens que existem, ou seja, são softwares de edição que permitem a modificação da imagem de tal forma, que ela pode ser tornar em algo totalmente diferente do que era a sua versão original.

As imagens são difundidas em grandes escalas pelas mídias e principalmente nas eletrônicas elas atingem o alcance em escalas mundiais podendo ser acessadas em qualquer parte do mundo. Nesse sentido, o público que consome destas notícias e imagens passam a conhecer por meio delas, vários lugares sem ter estado pessoalmente neles. Diante deste fato, os indivíduos podem criar e construir ideários sobre esses determinados lugares, então, acreditamos que na atualidade as mídias são grandes responsáveis por certas realidades e concepções que circulam no imaginário social da sociedade sobre determinados assuntos e lugares.

Nesse contexto, é válido salientarmos que as mídias tem sido forte fonte de alimentação dos mais diversos estereótipos sociais, segundo Silveira (2007, p. 01) “o cotidiano das fronteiras internacionais do Brasil são atrelados a um imaginário de situações recorrentes e articulados pela ausência de estado, caos e violência”. A partir desses estereótipos são construídos e manifestados vários fatores de alteridade, etnocentrismo, discriminação e inferiorização em relação às regiões fronteiriças, estabelecendo laços de conflitos e resistência na busca de auto-identificação étnica ou nacional.

As noções de fronteira são elementos essenciais para a análise que se pretende desenvolver, nesse sentido, iniciamos nossas discussões refletindo sobre o conceito de fronteira fazendo uso das contribuições do autor Raffestin, que faz uma crítica a visão que a cultura ocidental tem de fronteira:

A representação que a cultura ocidental faz atualmente da fronteira é uma pobreza tão absoluta, que precisa ser alertada, pois ela é a negação de toda uma história. E não somente da história que se deu conta de mudança através do tempo, que não passam de uma “projeção de preocupações internas, imediatas e precárias”, e sim de uma história mais enraizada nos antigos ritos e práticas. A fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso. (RAFFESTIN, 2005, p. 10)

Partindo do pressuposto acima, percebemos que o autor Raffestin problematiza que a cultura ocidental tem uma representação muito pobre sobre o que é fronteira, para o referido autor reduzimos a dimensão de fronteira enquanto fato social, a limites cartográficos e meramente territoriais. O conceito de fronteira vai muito mais além do de separar dois Estados – Nações, ela abrange diferentes culturas, línguas, relações de choque, contatos entre as pessoas, sejam eles harmoniosos ou conflituosos, envolvendo complexas questões sociais e políticas que fazem parte do cotidiano dos espaços fronteiriços.

Assim, não podemos pensar a fronteira como sendo apenas um marco de divisões territoriais e de administração política, de onde começa e acaba o domínio de determinados estados, mas temos que pensá-la também, como uma construção simbólica de pertencimento, de mestiçagem, e de intercambio cultural, social e político. Para Pasavento (2002, p.35):

Como realidade transcendente, a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além. É conceito impregnado de mobilidade, principio este tão caro à historia. Se a fronteira cultural é transito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e ética.

Diante das multiplicidades de relações de contato e de trocas que envolvem os espaços fronteiriços, a autora Pasavento relata que a fronteira não é fixa, ela é móvel, lugar de trocas e de mobilidades, “a fronteira é um limite sem limites”. Nesse sentido, com o intuito de potencializar nossas discussões sobre a fronteira utilizaremos duas imagens fotográficas do fotógrafo Ernesto Franco, que é um sul-matogrossense de coração e que retrata em suas capturas fotográficas o universo humano da Bacia Platina, uma mistura de etno-culturas ancestrais e suas miscigenações; os planos de fundo de suas fotos são a sombra e a luz das paisagens fronteiriça e do pantanal.

O fotógrafo Ernesto Franco nasceu na fronteira do Paraguai com o Brasil e retrata em suas fotografias a paisagem fronteiriça e a imagem do homem e da mulher da fronteira. Assim, como já mencionado anteriormente, utilizaremos duas imagens fotográficas de Ernesto, as quais fizeram parte do conteúdo da Exposição “Fronteiras” dentro da programação oficial do Festival América do Sul realizado em Corumbá no ano de 2004.

A primeira imagem é a seguinte:

Figura 1 - Fronteira móvel



Fonte: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/sul-america-de-ernesto-franco>>

Nesta imagem, o fotógrafo Ernesto Franco nos surpreende ao apresentar entre luzes e sombras, expressões e o cotidiano da vida fronteiriça. As imagens do homem, da mulher e da criança carregando sacolas nos dão a impressão que estão em constante relação de contato e mobilidade entre as fronteiras, seja por relação comercial de intercâmbio de mercadorias, ou pela sensação que as luzes e sombras contidas na imagem nos trazem de ser um final de dia, que poderia ser de trabalho, marcando as diversas relações que os indivíduos vivem em áreas fronteiriças, que vão muito mais além das que cotidianamente vemos veiculado nas mídias, que muitas das vezes representam essas regiões como sendo restritamente conflituosas e marcadas pelo tráfico, contrabando e comércio ilegal, questões que foram constatadas na realização da pesquisa de dissertação mencionada à priori.

O contexto de mobilidade apresentada na imagem fica ainda mais claro, quando observamos o nome dado pelo fotógrafo à imagem, a saber: “Fronteira Móvel”; a reflexão sobre o título da foto nos faz retornar ao diálogo anterior de fronteiras sem limites, de não fixidez, a fronteira não só como limite que separa, mas que integra povos, nações, culturas e valores diferentes, o horizonte no fundo da fotografia traz essa idéia de um mundo sem fronteiras, de mobilidade e liberdade.

A figura 1 mostra o espaço fronteiriço de uma forma que nos leva a exercitar o nosso olhar para interpretar o diálogo criado pelo fotógrafo e que foi eternizado na foto, nos levando a um distanciamento das tentativas de tornar o pensamento arbóreo, que leva em consideração apenas aqueles pensamentos que são vistos como certos e que são tidos como válidos pela ciência numa tentativa de enraizar e arborescer o pensamento. Nesse sentido, trazemos para essa nossa discussão as contribuições de Deleuze e Guattari (1995) que ressaltam que o pensamento é rizomático e fluido, o autor Khouri (2009, p.3) explica como os referidos autores concebem diferentemente o processo de construção do saber:

Para eles, não existe um pressuposto último que sustenta todo o conhecimento, e que se ramifica infinitamente em direção à verdade. A estrutura do conhecimento assume forma fascicular, em que não há ramificações, e sim pontos que se originam de qualquer parte, e se dirigem para quaisquer pontos.

Nesta perspectiva, a construção do saber ou pensamento rizomático, portanto, seguem em direção ao múltiplo, eles não originam e nem se dirigem em uma única direção, eles tem múltiplas origens e direções, quebrando com a metáfora arborescente do saber onde tudo nasce de um único tronco mãe e dele se ramificam. Neste contexto, percebemos o quanto somos impregnados por uma cultura da geografia maior, de que somente o que é escrito verbalmente é um registro científico válido e então é aceito, deixamos de lado a utilização de outras linguagens e de outras formas de pensamento, principalmente daquele que é adquirido em nosso dia a dia e que poderia contribuir em muito para a construção dos nossos conhecimentos sobre o mundo.

Porém, nos últimos anos é notável que nos meios acadêmicos muitos pesquisadores estejam deixando suas contribuições para que outras formas de linguagens sejam introduzidas nos diálogos dentro e fora dos ambientes de ensino.

Estudos como esses vêm criando devires outros no pensamento geográfico, produzindo geografias menores: estas são como ilhas no entorno do continente da geografia maior, são potências de expansão desse continente, são também as primeiras aproximações desse continente para quem vem do oceano livre e flutuante do pensamento (...). (OLIVEIRA JR, 2009, p.2)

A partir do pressuposto acima, percebemos que os esforços são muitos para que a sociedade em geral perceba que as linguagens imagéticas também são capazes de construir conhecimentos do mesmo modo do que a linguagem verbal, ampliando as nossas visões de mundo. Portanto, temos que seguir em direção as geografias menores, parafraseando o autor Oliveira Jr (2009) temos que educar nossos olhos rumo às geografias menores.

Educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós. (OLIVEIRA JR, 2009, p.2)

Para Oliveira Jr., a imagem nos educa os olhos, pois nos força a ver além do que está apenas em primeiro plano, interpretando os seus múltiplos sentidos, mergulhando em espaços diferentes, potencializando o processo de construção do conhecimento e contribuindo assim, para o desenvolvimento das habilidades e competências dos indivíduos. Ao dialogarmos com a figura 1, percebemos como a foto esta carregada de geografias; ela possibilitou o enriquecimento da discussão sobre conteúdos importantes para a compreensão da vida cotidiana na fronteira, e mesmo que a foto não seja de uma fonte científica, ela nos forneceu informações sobre o espaço fronteiriço e nos permitiu refletir sobre as relações sociais que ocorrem nesses locais, que são marcadas pelo encontro, choque e troca de relações e culturas diferentes; as fronteiras se refletem em um lugar de especificidades e se caracterizam como espaços únicos e ao mesmo tempo também são múltiplos, considerando as multiplicidades e simultaneidades de relações e situações que ocorrem neles.

Nesse contexto, atribuímos a essa nossa reflexão sobre o espaço, as abordagens do espaço como sendo múltiplo nos termos de Doreen Massey (2008), para quem o espaço é visto como “pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de estórias-até-agora” (p.33). Para a referida autora, o espaço é múltiplo, ele é uma simultaneidade de histórias, porque as histórias que acontecem nele vão entrar em contato com outras fazendo surgir outras histórias que não estão dissociadas umas das outras pois, fazem parte de um constante processo de

continuidades; e o lugar é o aqui-agora onde se encontram diversas trajetórias, ele é uma eventualidade de coisas que acontecem nele e ele está sempre aberto a novas conexões e desconexões.

Há também que se considerar que o espaço é o encontro de múltiplas trajetórias e se encontra em processo, em aberto “conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política” (MASSEY, 2008, p. 95). O lugar também seria uma eventualidade, sempre aberto, um aqui-agora em que sempre se encontram diversas trajetórias. É também no espaço que há o encontro, o diálogo com suas diferenças, produzindo ali, naquela estória, uma identidade e essa identidade perpassa a noção de fixação, pois ela faz parte de um devir constante (MASSEY, 2008). Desta forma, são essas multiplicidades que dão vida e sentido a toda dinâmica dos espaços fronteiros, onde as vidas dos dois lados da fronteira se cruzam e entrecruzam cotidianamente, são múltiplas, contínuas e simultâneas histórias que acontecem neles a todo momento.

Compreendendo que a fronteira também é um espaço múltiplo e fluido, pois ela é um lugar de transição, de contato, mobilidade e movimento entre pessoas, culturas, crenças e valores, caracterizando-se como um lugar diverso; podemos pensá-la então, como sendo um terceiro espaço, denominado por alguns autores de “entre-lugar”.

O conceito de entre-lugar para Ferraz (2010) refere-se a um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, é o lugar onde ao mesmo tempo que limita e separa, permite o contato e a aproximação, “é local daqueles que estão de passagem e em movimento buscando os afetos e as razões para se enraizar e permanecer. É lugar de estranhamento e ao mesmo tempo potencializador de identidades (FERRAZ, 2010, p.30). É no entre-lugar, que ocorrem os encontros culturais em que duas ou mais culturas se chocam, é um lugar de contato de diferenças e de troca não só entre um país e o outro, mas dentro das próprias condições de vida das pessoas, entre grupos marginais e outros de classe média, exclusão e violência no cotidiano das fronteiras, nos movimentos de ida e vinda de costumes, culturas e crenças que extrapolam os limites estabelecidos dando vida a situações singulares que ocorrem na fronteira.

Essa discussão nos leva novamente ao contexto retratado na figura 1, do cotidiano fronteiro de ida e vinda em um espaço de fronteiras sem limites, onde em muitos casos a fronteira só se faz presente em datas especiais ou comemorativas e nos outros dias passa-se despercebida entre seus cidadãos que vão e vem sem se darem conta que estão cruzando em territórios diferentes, cruzando fronteiras. Assim, “esse território caracterizaria um lugar diverso, local de passagem entre uma coisa e outra, uma “zona de transição”, onde não se reconhece a pureza de um ou de outro, mas um “hibridismo” dos dois, sendo, portanto, um “terceiro lugar”, um “entre-lugar” (COSTA & MORETTI, 2011 p.8).

Na segunda figura apresentada logo abaixo, a foto mostra o rosto de uma mulher aparentemente sofrida pelas condições de vida e de pobreza, a composição da imagem e seu enquadramento nos leva a observar diretamente os olhos da senhora fotografada, o que fica claro que o fotógrafo queria ressaltar em sua foto os olhos da mulher; esta compreensão fica mais objetiva ainda, quando visualizamos o título "dois olhares" nos levando a questionar o porquê desse título? E quando observamos profundamente a foto nos impressiona, pois ali estão dois olhares, um olho em cada direção, um presente outro passado, um ali e outro em qualquer lugar, levando em consideração que o fotógrafo retrata temas fronteiros poderíamos chegar à conclusão que seria um olhar no lado de cá e outro de lá da fronteira, ou seja, dois olhares cada um em uma paisagem, lugar, território ou espaço diferente. O título

então se torna a expressão que traduz com exatidão a foto, ao olhar a imagem a sensação, o sentimento é de dois olhares, mesmo sendo somente em uma pessoa.

Figura 2 - “Dois olhares”



Fonte: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/sul-america-de-ernesto-franco>>

Neste contexto de dois olhares que a foto nos remete, retomamos então o diálogo sobre o entre-lugar; partindo do entendimento do que está expresso no olhar da mulher é a fronteira, que ao mesmo tempo em que limita, aproxima, é um terceiro lugar. Para Gonçalves (2011, p.4) “na fronteira o sujeito encontra-se no meio de duas identidades, uma é a sua identidade nacional, e a outra é aquela que pode ser assumida. Constrói-se assim, uma relação “entremeios” ou de “entre-lugares””, é nos espaços fronteiros que ocorre a troca, o contato e a transição de relações entre as pessoas, nesses espaços o olhar de pertencimento e as identidades se constroem diariamente.

De acordo com Gonçalves (2011, p.4)

(...) os “entre-lugares”, passam a se configurar não como meros espaços de dominação, mas o terreno de trocas, intersubjetivas individuais e coletivas, onde anseios comuns e outros signos de valores culturais são negociados. Assim, na fronteira as relações não são fixas porque são construídas e estabelecidas por sujeitos de Estados, culturas e identidades opostas, pois é nela que ocorre um encontro com o “novo” e é justamente esse encontro que permite ao sujeito assumir uma relação de alteridade do outro lado da divisória que tem um papel fundamental no que se diz respeito à configuração das relações sociais que ocorrem na fronteira.

Como podemos observar nas contribuições de Gonçalves acima, a fronteira é espaço de transição e de mobilidade de diferentes culturas, crenças e valores que se chocam com o “novo” com o “diferente”; ela é palco das construções e das trajetórias de vida de seus habitantes. Nesse contexto, para ampliar nosso entendimento retornamos então, a nos referir sobre a figura 2, onde no olhar da mulher nos passa a sensação de estar entre dois territórios; se os olhos da mulher estivessem na mesma direção esse entendimento seria quebrado, pois a sensação seria o oposto, ou seja, os olhos iriam nos remeter ao entendimento de apenas um lugar, de fixidez, então a fronteira não se faria presente entendendo que ela é móvel e não fixa.

Percebemos a proposição do fotógrafo que ao trabalhar com temas fronteiriços teve essa sacada, permitindo que ao olhar a foto fosse possível dialogar, discutir e refletir sobre ela, sobre a vida cotidiana das pessoas que vivem em áreas de fronteiras, pessoas que tem seus problemas e suas vivências pessoais, mas que são vividas e compartilhadas em dois mundos, em dois países, talvez com suas duas línguas e/ou duas culturas. Nesse sentido, fica mais vivo ainda a sensação de fronteiras no olho da senhora, coisas que o Estado mesmo com suas demarcações precisas para exercer seu poder de controle não consegue fixar a mobilidade fronteiriça; o olho então, se torna uma metáfora para discutirmos várias questões referentes à fronteira, uma imagem e vários olhares, interpretações, vidas, culturas e crenças que se fundem, miscigenam e criam o novo, o diferente.

É válido destacarmos que em ambas as imagens apresentadas ao longo da discussão, os sujeitos que fazem parte das fotos se apresentam como sendo pertencentes as classes mais baixas da sociedade e/ou as classes trabalhadoras, o que é possível perceber olhando as imagens, pelas vestimentas e pela expressões apresentadas pelos sujeitos. Com isso, não queremos dizer que a fronteira só apresenta essas características sociais em sua população, muito pelo contrário, como em qualquer outra parte do mundo, ela tem suas diversidades de classes sociais, econômicas e políticas. Mas, não podemos deixar de mencionar essa característica que se fazem presente nas duas imagens apresentadas no decorrer do texto. Acreditamos que o fotógrafo teve o intuito de representar exatamente essa classe social mais baixa, atribuindo essa noção de movimento existente na fronteira; principalmente relacionado à fluidez da força de trabalho que existe nestas áreas, pois muitos brasileiros atravessam a fronteira para irem para seus empregos do lado paraguaio, o que também ocorrem ao inverso, quanto os paraguaios diariamente atravessam para o lado brasileiro para irem para seus empregos.

Nesse sentido, o cotidiano tantos de brasileiros quanto dos paraguaios se mesclam, podemos citar como exemplo as relações comerciais na fronteira; os turistas de compras brasileiros e também os moradores brasileiros das áreas de fronteira atravessam para o lado Paraguai em busca de produtos importados mais baratos, mas os comércios do lado brasileiro também são procurados pela população paraguaia, pois eles oferecem certos atrativos a eles, como a possibilidade da compra parcelada ou a prazo. Portanto, percebemos que o que ocorre com a força de trabalho nas áreas fronteiriças, também ocorre com as mercadorias e com as pessoas caracterizando o atual modo de produção capitalista.

Outro exemplo que podemos atribuir a esse nossa discussão é que muitos brasileiros e paraguaios possuem parentes nos dois lados da fronteira, então cruzam diariamente a fronteira para visitá-los, frequentarem festas, igrejas e vários outros locais que ultrapassam os limites nacionais. Essas situações podem ser analisadas na imagem 1, a qual apresenta o movimento das pessoas em áreas fronteiriças, do ir e vir, e também, pode ser atribuído na análise da imagem 2, onde a mulher apresenta seus dois olhares, passando a idéia do “entre-lugar”.

Frente a esta discussão, constatamos que no cotidiano dos espaços fronteiriço tudo é visto e sentido de outra forma, a fronteira cotidianamente não é encarada meramente como limite de controle político, mas também, com olhares duplos e múltiplos que estão em constante contato com uma multiplicidade de culturas que juntas revelam a história e a integração de um povo, com suas línguas, valores e crenças variadas.

Acreditamos que a utilização da linguagem imagética pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos alunos sobre o tema fronteira, como também, sobre vários outros assuntos colaborando no processo de conscientização e construção dos conhecimentos dos indivíduos sobre as temáticas trabalhadas, possibilitando potencialidades neste processo e o desenvolvimento de aprendizagens significativas. Diante destas discussões e tendo em vista

que os alunos entram em contato com essas imagens dentro e fora do ambiente escolar, eles necessitam também, desenvolverem habilidades para ler e interpretar essa linguagem.

O ensino de Geografia apresenta uma necessidade crescente de discutir caminhos que levem o aluno a compreender o mundo a sua volta, rompendo com a simples descrição de paisagens com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. Nesse sentido, o aluno tem que ser alfabetizado para realizar a leitura crítica das mais diversas imagens fotográficas veiculadas pelas mídias. Segundo Freire (1985, p. 26) “a alfabetização pressupõe muito mais do que o ato de ler e escrever, ou no contexto da alfabetização digital, é mais do que conhecer linguagens de programação, instalar ou utilizar um sistema operacional, um aplicativo, corresponder-se eletronicamente ou navegar na rede”, ou seja, o aluno tem que ser alfabetizado nas diferentes linguagens e não apenas na verbal, ele deve estar apto para ler e interpretar tanto linguagens verbais como as visuais.

As imagens fotográficas cada vez mais vêm assumindo uma maior importância na sociedade contemporânea e com os avanços tecnológicos são veiculadas com grande velocidade pelas mídias eletrônicas e podem reproduzir conceitos e (pré) conceitos sobre os mais diversos temas. Neste contexto, é válido destacarmos que o ensino de Geografia deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens visuais cotidianamente veiculadas pelas mídias. Entendemos que a linguagem fotográfica potencializa as aprendizagens dos alunos na medida em que possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica como observar, comparar e analisar de forma crítica o mundo ao seu redor.

Conclusão

Em meio desses emaranhados de questões referentes à fronteira, buscamos neste artigo refletir sobre as possibilidades de pensamentos que a linguagem imagética nos proporciona. Retiramos da imagem fotográfica informações sobre a fronteira sem ser necessário que houvesse um texto verbal explicando tal contexto; elas potencializaram nossas discussões e abriram um leque de assuntos os quais problematizamos e buscamos dialogar com alguns autores que contribuíram para o enriquecimento de nosso trabalho.

A partir dos olhares das fotografias sobre a fronteira, problematizamos e construímos nossos conhecimentos e percebemos que os indivíduos que moram em áreas fronteiriças vivem em um constante processo de desterritorialização e de reterritorialização, suas identidades estão em permanente construção e reconstrução, e que esse movimento de vai-e-vem da fronteira se reflete nas culturas que se multiplicam nessas regiões fronteiriças, pois a fronteira é fluida, ela tem vida própria, compartilhamos da idéia de que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas como os gregos reconheceram, (...) é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (Bhabha *apud* Costa & Moretti, 2011, p.5). Encaramos então, a fronteira não como limite físico que separa, mas que integra, pois cotidianamente são fluxos de pessoas e mercadorias que fazem parte do vai e vem e que dão vida aos espaços fronteiriços.

No tocante ao ensino de Geografia, acreditamos que a imagem tem como papel possibilitar aos alunos o desenvolvimento de uma leitura crítica de mundo, em outras palavras, os alunos devem ser também alfabetizados para realizar a leitura crítica das linguagens visuais presentes no meio que está a sua volta. A fotografia quando utilizada como linguagem no ensino de Geografia possibilita o enriquecimento das aulas por meio do

desenvolvimento de habilidades e raciocínios potencializadores do processo de ensino/aprendizagem.

Quando nos referimos aos estudos sobre a fronteira, a utilização de imagens fotográficas em sala de aula pode potencializar essas discussões; tendo em vista como já foi constatado em pesquisas científicas como a realizada pela autora Cirlani Terenciani³ (2011), as dificuldades que os professores apresentam ter ao trabalharem com o tema fronteira, principalmente quando as escolas são em áreas de fronteira, levando em consideração as limitações que os materiais didáticos apresentam e desta forma, os temas relacionados a fronteira acabam sendo apenas estudados quando se tem alguma data comemorativa ou folclórica, em outras palavras, podemos dizer que são trabalhadas em apenas determinados momentos, tornando-se discussões distantes do contexto que alunos e professores vivenciam.

Acreditamos que por meio de discussões realizadas com imagens fotográficas o professor pode contribuir para a valorização dos povos e das culturas dos países vizinhos ao levar em consideração as relações sociais que ocorrem na fronteira, e quando nos referimos à educação escolar em cidades fronteiriças a utilização das imagens da própria fronteira em sala de aula, principalmente nas aulas de Geografia, pode ser uma nova forma de ver e trabalhar a fronteira que não se paute apenas em datas históricas e comemorativas. A imagem pode ser o ponto de partida para o estudo do olhar geográfico sobre a fronteira e nesse processo as vivências dos alunos poderão aflorar em sala de aula contribuindo para a construção de aprendizagens significativas.

Vale destacar que é necessário ao se ensinar com imagens, que o professor tenha em mente que a fotografia funciona como um mediador, ela atua na interação entre velhos e novos conhecimentos; e esta interação ocorre de forma dialógica, em outras palavras, estamos dizendo que os significados das imagens podem variar de acordo com cada indivíduo que faz a leitura. Desta forma, caberá o professor fazer a mediação para o entendimento do seu significado para se construir um novo conhecimento.

Num momento de grande disseminação dos meios de comunicação, acreditamos que as imagens fotográficas que são veiculadas pelas mídias eletrônicas e que geralmente aparecem acompanhando textos verbais ou substituindo-os, “são capazes de veicular conceitos, gerar reflexão e didatizar o conhecimento” (MARTINS, 2002, p.137). Podem também construir estereótipos preconceituosos acerca de determinadas comunidades, como sobre as áreas de fronteira. Nesse sentido, salientamos que é fundamental que os alunos tenham ciência sobre a influência que as mídias têm e exercem na formação de opiniões e ideários sobre a sociedade, e que em sua maioria o que se veicula na mídia está rodeado de interesses que tornam os fatos sensacionalistas para obter maior atenção, buscando sempre ter o maior número de visualizadores e assim, maiores lucros.

Frente a estas discussões, salientamos como já nos alertou Paulo Freire, que a leitura do mundo precede a leitura da imagem, e estamos sempre lendo o mundo por meio das imagens e construindo nossas opiniões através deste processo; precisamos então, saber ao menos, adquirir e consumir melhor essas imagens. A fotografia faz parte de nosso cotidiano e atualmente qualquer pessoa pode produzir uma imagem, neste sentido, é importante então, ter em mente que elas estão dizendo alguma coisa, pois são portadoras de informações, e que através de exercícios reflexivos de observar, descrever, interpretar e analisar pode-se chegar à construção de pensamento a partir destas reflexões e ampliar as construções e concepções que a imagem nos apresenta. Cabe ao indivíduo decidir se o que é expresso naquela imagem irá o influenciar ou não, porque a imagem tem o poder forte de influências que podem criar

³ Dissertação de mestrado intitulada de “Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul”.

realidades, provocarem emoções e reflexões e possibilitam a construção do entendimento do mundo a nossa volta.

Referências

AGUIRRE, Imanol. **Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora**. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO; Irene. (Org). Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria: UFSM, 2011. p.69-111.

COSTA, Moisés M.; BENITES, Miguel G. **Realismo na fotografia: um ensaio sobre o estudo da linguagem fotográfica para o ensino de Geografia**. *Geografia em Atos*, n. 9, v.2. p. 01-10, UNESP, Presidente Prudente, 2009.

COSTA, Cecilia A.; MORETTI, Edvaldo C. **Invenção do outro e encontro de identidades na fronteira Brasil-Paraguai**. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Mar.2011. Disponível em: < <http://www.eumed.net/rev/cccss/11/cm.htm>> Acessado em: 10 de julho de 2013.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. O ensino de geografia e a imagem: um universo de possibilidades. **Anais do IX Colóquio Internacional de Geocrítica**. UFRGS, Porto Alegre, 28 de mayo - 1 de junio de 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/eugenia.htm>>. Acessado em: 12 de junho de 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 /Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

FERRAZ, Cláudio Benito O. Entre-Lugar: apresentação. In: Revista **Entre-Lugar**. Revista do Programa de Pós-Graduação da UFGD. Ano 1, n.1, p. 15-31, 1º sem.2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

GONÇALVES, Karoline Batista. **A Fronteira e seus paradigmas: identidade e alteridade**. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Nov.2011. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/15/kbg.html>>. Acessado em: 10 de julho de 2013.

KHOURI, Mauro M. E. Rizoma e Educação: contribuições de Deleuze e Guattari. **Anais do XV Encontro Nacional da Abrapso**, Macéio, UFC, 2009. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf> Acessado em: 08 de julho de 2013.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

LOIS, C. y HOLLMAN V. (2013), Introducción. En: Lois, C., & Hollman, V. (Coord.). **Geografía y cultura visual: los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio** (pp.15-25). Rosario: Prohistoria Ediciones.

MARTINS, Elaine Rosa. **A imagem no livro didático: um estudo sobre a didatização da imagem visual.** Belo Horizonte-MG: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. 145p. (Dissertação, mestrado em Educação).

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIRZOEFF, N. (2003), Introducción. **¿Qué es la cultura visual?** En: Mirzoeff, N. Una introducción a la cultura visual (pp. 17-61). Barcelona: Paidós.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia.** São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Grafar o espaço, educar os olhos.** Rumo a geografias menores. Pro-Posições vol.20 no.3 Campinas Sept./Dec. 2009.

PASAVENTO, Sandra J. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.) **Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina.** Cotia (SP): Ateliê editorial, p. 23-39, 2002.

POCOCK, D. C. D. (1981), "Sight and Knowledge". En: **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, Vol. 6, No. 4 (1981), pp. 385-393 Blackwell: Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers).

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 9-14, 2005.

SECCATTO, Ana Gláucia; NUNES, Flaviana Gasparotti. **A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica.** Espaço Plural, v.1, p.68-99, 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **A Identidade Deteriorada: Jornalismo e estigmas sociais.** Grupo de Trabalho "Cultura das Mídias", do XVI Encontro da Compós, na UTP, Curitiba-PR, 2007.

TERENCIANI, C. **Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul.** Dourados-MS: Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, 2011. 206 p. (Dissertação, mestrado em Geografia: Geografia Humana).

Artigo recebido em 23-07-2015
Artigo aceito para publicação em 14-10-2015